

## REPRESENTAÇÃO DA DIVERSIDADE NO CINEMA

EMMANUELLE SCHIAVON MELGAREJO<sup>1</sup>  
FÁBIO SOUZA DA CRUZ<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas– manuschiavon@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas– fabiosouzadacruz@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO: PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO

A caracterização individual se manifesta nos gostos, na cultura e na pertença a determinada comunidade. Essas peculiaridades definem as relações que constroem grupos de predominantes identidades.

A atividade artística e as concepções estéticas de um povo não são mais autônomas, mas heterônomas. Elas dependem de parâmetros sobre os quais não têm nenhum poder. Estão incluídas na *ideologia*, isto é, nas representações forjadas por uma sociedade num dado momento de sua história,... (JIMENEZ, 1999, p.233-234)

Gênero, nação e etnia são denominadores comuns que sustentam uma personalidade. Na sociedade há diversos exemplos de grupos sociais que se uniram pela semelhança. Sejam eles vindos da escola, definido por gosto musical, ou partidos políticos; são ideais comuns que reúnem as pessoas pela proximidade de ideias em uma determinada esfera. O mundo é gerido por essas características, e também pelas diferenças que os unem, mas, ao mesmo tempo, os afastam e excluem os indivíduos que não se encaixam nos padrões.

As questões de gênero permeiam um contexto muito ambíguo na sociedade global. É fácil aceitar o outro quando ele tem escolhas simples, segue os preceitos impostos pela comunidade do bairro, da cidade, do país e do mundo. Obedecer à biologia e seguir o “caminho natural” é a coisa certa, e apelar pelas diferenças é um erro. O preconceito as mulheres, os gays, os transexuais e as diversas minorias está presente no cotidiano de grande parte da população.

São montadas concepções exageradas sobre culturas, gostos e costumes. No Brasil, por exemplo, o meio televisivo é comandado apenas por uma emissora que pode escolher o que irá veicular, pois tem 70% da audiência, gerando um conteúdo duvidoso e parcial. Quando as mídias de massa tem um monopólio, os ideais passam a serem aqueles que a emissora transmite. Os tempos de internet dificultam a completa manipulação da informação, no entanto, a televisão ainda tem maior alcance, o que é problemático quando não pode ser visto os dois vieses de uma pauta.

Apesar das mídias convencionais trabalharem pouco os assuntos como a representação de gênero – apesar de, a cada ano, empresas de comunicação brasileiras têm levado, com certa timidez, questões como essa ao debate–, o cinema é uma fonte para buscar novas opiniões e representações de minorias, que ainda não estão presentes nas notícias diárias. Nesse contexto, gênero vem sendo trabalhado já com mais naturalidade nas produções cinematográficas.

Nesse intuito, o trabalho analisará filmes que servirão de base para contextualizar o papel da sociedade na questão de gênero e representação.

## 2. METODOLOGIA

O trabalho traz como ponto de partida analisar filmes das mais diversas épocas e contextos sociais, traçando panoramas com a atual situação das minorias dentro da sociedade. Embasado em autores como Gilles Lipovetsky, Stuart Hall, Jean Paul Sartre, observou-se como a representação desses gêneros se dá na sociedade, visando entender melhor o imaginário contemporâneo e como isso influência na forma de produzir conteúdo de entretenimento e informação.

Sendo o cinema uma ferramenta social de disseminação de ideias, crítica social e meio de expor realidades, analisaram-se longas que tratam dos preconceitos da sociedade contemporânea. Apesar de algumas produções serem do século passado, ainda fica claro que a sociedade atual está tendo dificuldades de crescer no quesito de aceitação, pois a crítica presente nos filmes ainda é uma realidade vista hoje.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO: REPRESENTAÇÃO EM PAUTA

Os filmes analisados tratam de questões diárias vivenciadas pela sociedade com cada vez mais frequência. A mulher, a transexual, o menino, a vida e o cotidiano de indivíduos, muitas vezes subjugados, entra em pauta nas salas de cinema, levando para o público questões sociais ainda pouco trabalhadas por mídias tradicionais como a imprensa diária.

No filme *Transamérica* (2005), Bree, personagem central, é uma mulher transexual que busca, em seu contexto, razões e explicações que vão muito além das aparências. Ela sofre com a dicotomia de se sentir de maneira diferente do que seu exterior expõe.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas do final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (HALL, 2005, p.9).

A sociedade contemporânea vive em constante mutação, derrubando certos valores que antes eram primordiais. No filme *Parente é Serpente* (1992) apesar de o casal de idosos aparentemente ter construído uma típica família italiana, cheia de gritos e comida, o estereótipo se desconstrói, demonstrando com são frágeis os valores que a sociedade tanto preza. Os filhos não querem mais os pais, as escolhas da vida adulta se tornam polêmicas, e as identidades únicas se juntam a outros coletivos que já não fazem mais parte da comunidade inicial.

Nas últimas décadas, as mulheres, gênero que até a segunda metade do século XX era destinado basicamente a exercer atividades domésticas, passam a integrar cada vez mais o mercado de trabalho e a conquistar, ainda que timidamente, postos predominantemente masculinos. (HELLER; LONGHI, 2011 - 2014, p.145)

Nessa pequena passagem já fica claro como o machismo presente no imaginário social afeta o conceito de ser mulher. Pré-definida pelo sexo, a mulher sempre foi subjugada ao papel de dona de casa, e essa imagem é difícil de desvincular, pois em pleno século XXI ainda vemos piadas sobre “lugar de mulher é na cozinha” e salários 30% mais baixos para preencher os mesmos cargos.

O que fica ainda muito latente nas análises é também o julgamento que se faz sobre as crianças. Uma menina deve brincar de boneca, e um menino deve brincar de carrinho. Azul para menino, rosa para menina, e sempre deverá ser assim. Dentro dessas definições tão inocentes, deve-se perceber como isso já impõe uma visão de mundo muito fechada. Bonecas são a representação da maternidade: limpar, cuidar, alimentar são tarefas comumente associadas ao sexo feminino. Já a brincadeira de carrinho, as ferramentas de construção, são outras características associadas ao sexo masculino, e as futuras tarefas de provedor da casa que ele terá de tomar.

No filme *Ma Vie En Rose* (1997) o menino vai descobrindo seus reais desejos e recebe em troca um grande preconceito que nem sabe como lidar. Ludovic, protagonista, transforma suas curiosidades em sonhos deturpados, pois não encontra na família o suporte de que precisava. Torna-se difícil conviver com a sociedade quando se está sendo julgado pelos seus determinantes. O gênero que lhe era atribuído por fatores genéticos não afetava a sua consciência e complexidade, e ele não conseguia se definir como o ser que os outros gostariam que ele fosse.

Vive-se em uma sociedade que não sabe lidar com o diferente, que aceita superficialmente que o outro não se enquadre dentro dos padrões ditos normais. Dentro desse contexto enxerga-se histórias de violência contra essas minorias, e como são descaracterizados dentro de comunidades das quais são partes.

No filme *Terra Fria* (2005) a personagem principal busca liberdade e independência pessoal, juntando sua vida de mãe ao trabalho nas minas de ferro. Inicialmente, o emprego que seria o sustento para o dia a dia, tornou-se parte maior da sua vida. A luta dela, apesar de todas as dificuldades que surgiram, para ser reconhecida como trabalhadora, gerou a possibilidade das mulheres representarem uma causa. As agressões e diferenciações que sofria eram fruto de preconceito com o qual lutava, apesar do medo. No entanto, a personagem continuou mostrando que existe o valor de cada pessoa, independente do sexo.

“Roupas, casas, edifícios públicos e até mesmo os entalhes e os objetos decorativos feitos por artesãos amadores nos revelam muitíssimo sobre as pessoas que os criam e os escolheram” (DONDIS, 1997, p.30). As escolhas de Josey Aimes, personagem principal, representavam tanto sobre si quanto sua definição como mulher. Para trabalhar em um lugar predominantemente masculino, ele enfrentou situações extremas que a abalavam como indivíduo. Como roupas e sapatos, suas escolhas a vestiam e revelavam a complexidade que se escondia por trás da poeira do carvão.

#### 4. CONCLUSÕES: GÊNERO DAS INCERTEZAS

O social afeta diretamente na vida individual, colaborando nas relações em que o indivíduo necessita compreender-se. A busca de sua representação verossímil é encontrada na identidade criada por diversos fatores, concebendo momentos em que esse individual passa a andar por caminhos inversos do social. O ser humano começa a traçar mapas únicos para sua história, e esconder, muitas vezes, aquilo que é mais latente para se encaixar no contexto.

Segundo uma breve análise, ainda é um problema atual a representação de minorias dentro do campo da midiatização. Muitas vezes convive-se com agressões simbólicas sem nem ao menos existir a compreensão delas. O cinema, no entanto, é palco de grandes reflexões sobre o tema, apesar de que os filmes

citados no trabalho não representam uma grande circulação, como filmes *blockbuster* que alcançam um maior número de pessoas.

Segundo Jean-Paul Sartre (2003), o ser humano é um projeto inacabado ainda em construção. Se delimitar por um único aspecto é perder a complexidade que envolve o indivíduo. O ser humano busca, em suas experiências, preferências e personalidade, características que não poderão ser definidas, que fazem parte de uma cadeia de escolhas e objetivos únicos. O homem ainda é condenado a ser livre, e por isso deve lidar com todas as consequências de seus atos. São projetos inacabados, pois, a cada detalhe da vida, moldando-se uma nova parte, define-se ainda mais a identidade, sendo ela muito mais ampla do que unicamente preconceitos estabelecidos na sociedade.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, 160 p.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, 248 p.

GIDDENS, Anthony. **Modernity and self identity**: self and society in the late Modern Age. Cambridge: Polity, 1991. 264 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 10ª edição, 2005, 102 p.

HELLER, Barbara; LONGHI, Carla Reis. **Comunicação em tempos de midiatisação**. São Paulo: Brasil, 2013. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/6f63aa0af7fae08ba1d093f7f2f324a2.pdf> Acessado em: 16 abr. 2015.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética**. São Leopoldo: Unisinos, 1999, 413 p.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Terceira Mulher**. Coleção Epistemologia e Sociedade do Instituto Piaget: Lisboa, 2000, 338 p.

MA Vie Em Rose. Direção: Alain Berliner. Classic Line, 1997. 1 DVD (88 min.).

MONTEIRO, Marko S. A. Sujeito e fragmentação: uma visão do gênero. **Revista Linhas [da]** Universidade do Estado de Santa Catarina, v. 7, n. 1, p.1-11, jan. 2006.

PARENTE é Serpente. Direção: Mario Monicelli. Spectra Nova, 1992. 1 DVD (105 min.).

SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 12ª edição, 2003, 782 p.

TERRA fria. Direção: Niki Caro. Warner Bros, 2005. 1 DVD (124 min.).

TRANSAMÉRICA. Direção: Duncan Tucker. Focus Filmes, 2005. 1 DVD (103 min.).